

## Frequência, Variação e a Emergência das Construções Contrastivas de *Agora*

Helena Gryner

Universidade Federal do Rio de Janeiro

### 1. Introdução

Este artigo analisa a emergência da estrutura oracional contrastiva introduzida pelo conector *agora*, com base na frequência e no modelo da variação linguística. A partir da expressão latina *hac hora*, que originalmente remetia a uma referência espacial (Ernout, & Meillet, 1967), assume, por um processo metafórico, uma referência temporal, dando origem ao dêitico *agora*, tal como é frequentemente usado no português contemporâneo.

Com o tempo, a referência temporal vai-se esmaecendo. E, gradativamente, através de um processo metonímico, a forma *agora* começa a desempenhar uma função textual/discursiva: a de marcador/conector de contraste entre enunciados. Desta forma a expressão *agora* passa a integrar o sistema de conexão de discurso, apresentando-se em variação com o conector contrastivo prototípico *mas*. Assim, no português brasileiro informal, encontramos lado a lado um *agora*-dêitico temporal (cf. (1)) e um *agora*-marcador de contraste textual/discursivo (cf. (2)):

- (1) – Você trabalha em quê?  
– *Agora (atualmente)* em nada, porque eu estou desempregado. *Agora (mas)* eu – não terminei o meu curso de direito e estava trabalhando como – não era nem auxiliar de escritório, era auxiliar de advogado. Mas, eu *agora (atualmente)* estou sem emprego. Estou procurando realmente um.
- (2) Você tem que dar meios, mostrar da necessidade dele [filho] ser alguma coisa, dele ser gente. *Agora (mas)* isso, só quem pode, só quem pode fazer é ele.

#### 1.1 Os usos de *agora*

Silva-Corvalán (1999), analisou a distribuição estatística de *agora*-tempo e *agora*-marcador discursivo no espanhol e constatou que, embora menos frequente, as taxas de *agora*-marcador discursivo ultrapassa sensivelmente as de *agora* dêitico, em contextos “mais modalizados”, ou seja, em discursos argumentativos e hipotéticos (cf. Tabela 1):

| Gênero discursivo     | <i>Agora</i> discursivo | <i>Agora</i> -tempo | Total |
|-----------------------|-------------------------|---------------------|-------|
| Hipotético            | 67%                     | 43%                 | 27    |
| Argumentativo         | 52%                     | 48%                 | 159   |
| Descritivo            | 25%                     | 75%                 | 16    |
| Exposição no presente | 16%                     | 84%                 | 305   |
| Diálogo               | 06%                     | 94%                 | 141   |
| Exposição no passado  | 04 %                    | 96%                 | 98    |
| Narrativa             | 0                       | 100                 | 16    |

Tabela 1: Distribuição das funções de *agora* por gênero discursivo em espanhol (p=.00)  
(apud Silva-Corvalán, 1999)

É previsível que os dados do português se comportem de forma semelhante. A comparação entre o *agora*-conector de discurso e o *agora*-advérbio de tempo do português (Oliveira & Tavares de Macedo, *apud* Silva-Corvalán (1991)) aponta que o *agora*-advérbio tende a ocorrer no contexto familiar e mais objetivo. Ao contrário, o *agora*-discursivo ocorre mais frequentemente em contextos subjetivos (cf. Tabela 2). Para Silva-Corvalán, este é “um caso prototípico de gramaticalização subjetivadora”.

| Tipo de discurso         | Conector discursivo | Advérbio de tempo | Total |
|--------------------------|---------------------|-------------------|-------|
| Objetivo / familiar      | 12%                 | 88%               | 578   |
| Subjetivo / não familiar | 51%                 | 49%               | 192   |
| Total                    |                     |                   | 770   |

Tabela 2: Distribuição das funções de *agora* por tipo de discurso em português (p=.000)  
(Adaptado de Oliveira & Tavares de Macedo (1991), *apud* Silva-Corvalán, (1999))

### 1.2 A gramaticalização de *agora*

Nos termos de Heine & al. (1991), gramaticalização é o processo pelo qual as categorias e funções /significados mudam gradualmente, obedecendo a um *continuum* do mais para o menos concreto (ou objetivo) em direção a uma maior abstrativização (ou subjetivização).

espaço > (tempo) > texto

Traugott (1989) descreveu a evolução gradual do dêitico inglês *while* em três etapas, passando de referência dêitica espacial a conjunção de valor temporal ao nível da oração, e finalmente a expressão da atitude (concessão) do falante, ao nível do discurso. Postulamos uma trajetória análoga para o *agora* do português. Partindo de uma referência dêitica espacial (*hac hora*), assume valor dêitico temporal e passa, gradativamente, a marcador de contraste discursivo.

**Evolução do marcador *agora***

| Significado concreto objetivo | Significado abstrato | Significado mais abstrato subjetivo                                |
|-------------------------------|----------------------|--|
| Referência espacial           | Dêitico temporal     | Coesão discursiva<br>Marcador de contraste<br>(atitude do falante) |

Uma evidência de uma etapa de transição entre *agora*-tempo e *agora*-marcador discursivo são os exemplos de referência ambígua (cf. (3)):

- (3) – ... você já esteve em situação de um vizinho te ajudar?  
 – Eu já tive tantas vezes nessa situação... Quando eu era criança, muitas vezes, né? o vizinho ajudou a minha mãe. *Agora (neste momento)/(mas)* não me lembro exatamente em que já... ajudou assim ...

**2. O Problema**

O problema central da emergência de *agora*-discursivo envolve duas questões interligadas:

1. Como explicar que *agora* em função dêitica se gramaticalize como *agora* em função discursiva?
2. Como se explicar que *agora*, um dêitico com referência de *tempo*, se gramaticalize com a função de marcar *contraste*?

A busca de resposta a estas questões se baseia em duas premissas funcionalistas:

- a) As etapas de gramaticalização (e, portanto, a passagem de *agora*-tempo a *agora*-marcador de contraste) não dão saltos. Etapas contíguas apresentam traços semânticos comuns de modo a garantir o *continuum* (Givón, 1995);
- b) A mudança de formas adverbiais a conectores-discursivos (como a passagem de *agora*-tempo a *agora*-marcador de contraste) tem início em contextos de menor coesão interoracional (Crevels, 2000) e daí se difunde para os demais.

**3. Os modelos quantitativos**

Este trabalho adota uma abordagem empírica quantitativa, ou seja, consideramos a distribuição estatística enquanto reflexo de processos cognitivos (Bybee & Hopper, 2001) e sociolingüísticos (Labov, 1972). Os índices estatísticos são cruciais para a análise qualitativa e explanação dos processos de mudança ora estudados. Em síntese: a pesquisa se situa na convergência de três modelos: o variacionista, o da freqüência de uso e o funcionalista, mencionado acima.

- 3.1. O modelo da freqüência de uso, proposto por Bybee & Hopper tem por base a freqüência de *types* e de *tokens* no uso das formas. Segundo esta proposta, a freqüência

retrata “a repetição, a rotina e a convencionalização de inferências da fala que ocorrem assistematicamente, ou seja, que não são convencionalizadas.”

Neste quadro, a “cristalização” das formas mais freqüentes constitui a base das mudanças metonímicas que ocorrem nos últimos passos da gramaticalização. Diferenças nas taxas de uso em diferentes contextos (lingüísticos e/ou extralingüísticos) refletem a trajetória das mudanças. O modelo da freqüência de uso revelou-se uma poderosa base explanatória para a mudança de *agora-tempo* em direção a marcador *contrastivo*.

3.2. O modelo da Teoria da Variação, proposto por Labov (1972), considera a alternância entre formas “que dizem a mesma coisa”, no mesmo contexto, como inerente aos sistemas lingüísticos. As mudanças qualitativas são indissociáveis da variação. Mais ainda, elas só se explicam através da variação medida quantitativamente. No âmbito deste trabalho, a correlação estatística entre os usos discursivos de *agora* (a forma recente) vs *mas* (a forma prototípica) e as variáveis lingüísticas e/ou sociais, permitem identificar os contextos por onde tem entrada a inovação no sistema de marcadores de contraste. .

3.3. A freqüência e a probabilidade de uso das variantes de acordo com os contextos não são artefatos aleatórios. Elas derivam de motivações funcionais subjacentes ao uso lingüístico. Como veremos adiante, as mudanças semânticas e estruturais envolvidas no processo de gramaticalização de *agora* se reportam ao princípio funcional da *iconicidade*.

#### 4. Metodologia

##### 4.1. O corpus

Foi constituída uma amostra de dezesseis entrevistas informais de natureza argumentativa (Amostra Gryner, 1990) concedidas por falantes cariocas, regularmente distribuídos por idade, gênero e escolaridade. Foram analisados dois *corpora*. O primeiro *corpus*, constituído por 269 dados, para análise da freqüência de uso do *agora-tempo*; e o segundo, constituído por 657 dados, para análise da variação entre os marcadores de contraste: 446 dados de *mas* e 211 dados de *agora*<sup>1</sup>. (Total de dados = 926)

##### 4.2 A análise quantitativa

A análise estatística foi realizada em duas etapas:

a) cálculo e interpretação da freqüência de *agora-tempo*, com base na computação dos *tokens*, em diversos contextos;

b) cálculo e interpretação do uso das variantes *agora* e *mas*, que seguiu a proposta pela Teoria da Variação (Labov, 1972). As formas são correlacionadas a grupos de fatores sociais e lingüísticos (estruturais/discursivos). Através do Programa

<sup>1</sup> Para fins de análise da variação foram incluídos apenas os casos em que *agora* e *mas* são mutuamente substituíveis.

GOLDVARB (2000) é calculado o peso relativo de cada fator para o uso de cada variante e, desta forma, os grupos de fatores relevantes são selecionados.

## 5. Funções de *agora*

### 5.1 *Agora* dêitico temporal

Sob uma perspectiva cognitiva (cf. Langacker, 1991)) os dêiticos se caracterizam por evocar o evento da fala, seus participantes ou circunstâncias imediatas (isto é, o "ground"), como o espaço e o tempo em que ocorre a fala, "colocando-os em seu escopo." Dêiticos como *eu, você, aqui e agora* evocam explicitamente o 'ground'. O exemplo (4) ilustra este uso temporal de *agora*

#### 5.1.1 Presente pontual (dêitico)

*Agora* com referência ao momento do evento da fala

- (4) – ... Já aconteceu de algum desconhecido te ajudar na rua?  
Olha, deve ter acontecido mas não foi, assim importante, porque eu não estou me lembrando de nenhum fato, *agora (neste momento)*, de me ajudar na rua? desconhecido... Já, já me aconteceu.

#### 5.1.2 Presente não-pontual

*Agora* com referência a um presente estendido, não especificado (atualmente em oposição a antigamente ou futuramente); ou a um passado/futuro relativamente próximo ao momento da fala(dia/semana/ano seguinte ou anterior)

Um dêitico como *agora* (no momento da fala), com o 'ground' explícito, é mais objetivo que *amanhã, ontem, semana passada, semana que vem, no próximo ano* (cf. Langacker, 2002). Portanto, o emprego de *agora* com referência temporal não pontual reflete uma tendência à subjetivização do uso do dêitico (cf. (5) retomado de (1)):

- (5) – Você trabalha em quê?  
– *Agora (atualmente)* em nada, porque eu estou desempregado. Mas [*anteriormente*], eu não terminei o meu curso de direito e estava trabalhando como – não era nem auxiliar de escritório, era auxiliar de advogado. Mas, eu *agora (atualmente)* estou sem emprego. Estou procurando realmente um.

### 5.2 *Agora* ambíguo (dêitico temporal/marcador de contraste)

*Agora* com dupla função: referência ao momento do evento da fala e indicação de contraste discursivo.

Enunciados ambíguos são cruciais para evidenciar uma etapa intermediária na gramaticalização de *agora*, e para identificar o *locus* provável em que esta se deu (Cf. (6), retomado de (3));<sup>2</sup>

- (6) – Hum...hum. Agora, você já esteve em situação de um vizinho te ajudar?  
 – Eu já tive tantas vezes nesta situação ... Quando eu era criança, muitas vezes, né? o vizinho ajudou a minha mãe. *Agora (neste momento / mas)* não me lembro exatamente em que já... ajudou assim...

### 5.2 *Agora*: marcador de contraste

A relação de contraste pode ser definida de diferentes perspectivas. Seja como “dois trechos de discurso que se apresentam em oposição” (Ford, 2000), como “a relação de desigualdade entre segmentos coordenados” (Neves, 1999). Para Silva-Corvalán (1999), a função de *agora*-contraste é “anunciar o enfraquecimento da assertividade de um argumento precedente”.

Qualquer que seja o enfoque, porém, a construção contrastiva – iniciada por *agora* ou por *mas* – apresenta as mesmas restrições. Apenas dois termos podem ser contrastados, os termos devem manter uma ordem fixa e o conector deve estar necessariamente em posição inicial, precedendo o segundo termo.

Quanto às situações envolvidas nos dois termos do contraste, Ford (2000), com base em Mann & Thompson, descreve três condições:

- a) serem compreendidas como a mesma em muitos aspectos;
- b) serem compreendidas como diferentes em alguns aspectos; e
- c) serem mutuamente comparadas quanto a uma ou mais destas diferenças.

Sublinha, ainda, que estas condições permanecem, independentemente do nível em que opera o contraste (sintagmático, oracional, textual, conversacional), da extensão dos trechos contrastados, e da explicitação do marcador de oposição.

Encontramos em Neves (1999) uma extensa lista dos valores semânticos de contraposição expressa por *mas* no português brasileiro escrito. Nela se incluem: o contraste (entre positivo e negativo, e entre significações opostas ou apenas diferentes); a compensação; a restrição; a eliminação. Um dentre estes valores revelou-se, em nossa pesquisa, como mais geral, com um forte poder explanatório – a *negação da inferência* – assim definida:

[Na *negação da inferência*] “Vem contrariada a inferência de um argumento enunciado anteriormente. No primeiro segmento há asseveração, com admissão de um fato; no segundo segmento expressa-se a não-aceitação daquilo que foi asseverado.” (Neves, 1999)

<sup>2</sup> Inversamente, há ainda inúmeros exemplos em que, no mesmo enunciado, ocorrem *agora*-temporal e *mas*-contrastivo. Embora não tenham sido quantificados, observa-se que, muitas vezes, uma das duas formas parece prescindível, como se fossem de alguma forma, redundantes.

No entanto, a explicação acima, apesar de correta, não permite acessar, de maneira inequívoca, a inferência relevante dentre as infinitas inferências possíveis. Tanto os exemplos com seus respectivos comentários não fornecem pistas que levem a um esquema comum. O próprio conceito de inferência é insuficiente. “Generalização lógica”, “conhecimento de mundo”, “consenso”, “compartilhamento de crenças” são conceitos intuitivos irreplicáveis.

Bybee e Hopper (2001) propõem a distinção entre dois tipos de inferências: a) as inferências da fala, convencionalizadas através de um longo processo de “repetição e da rotina” e que são acessíveis à análise semântica e pragmático-discursiva; e b) as inferências conversacionais, que ocorrem assistematicamente, ou seja, que não são convencionalizadas, e para cuja interpretação, portanto, conta-se apenas com os recursos intuitivos. Neste trabalho procuramos identificar a sistematicidade – e, portanto, replicabilidade – do processo de inferenciação envolvido nas relações contrastivas. Partimos da visão de Silva-Corvalán (1999):

[A autora define] a relação contrastiva como a interdependência entre o que *agora* anuncia cataforicamente, na segunda parte do contraste, e a redução retrospectiva (e, por extensão, a negação) da assertividade do primeiro enunciado.

Para a operacionalização do conceito de inferência, procuramos explicitar a natureza desta “interdependência” e desta “redução” da assertividade, redefinindo a relação de contraste como:

Qualquer trecho de discurso em que haja oposição entre dois termos (A e B), de tal forma que “a inferência” do primeiro termo (Inferência de A) *recuperada retrospectivamente através da negação do segundo* (ou seja, através de Não-B), estabelece com este segundo termo (B) uma contradição, o que produz o efeito de quebra de expectativa.<sup>3</sup>

Sintetizada em forma de esquema, a definição permite identificar sistematicamente qualquer inferência convencionalizada de A dentre uma infinidade de inferências potencialmente selecionáveis, já que ela é recuperada a partir da negação do conteúdo de B. Consequentemente a relação entre os termos se mantém constante, independentemente do nível formal (entre orações simples, sentenças ou tópicos discursivos – no interior de um turno ou entre turnos (Schiffirin, 1987)) ou do nível semântico (conteúdo proposicional, atitude epistêmica, atos de fala, metalinguagem) (Dik, 1989; Dancygier and Sweetser, 2000; Lang, 2000). Descrevemos a seguir a aplicação do esquema proposto às variantes *agora – mas* a contrastes de diferentes níveis.

<sup>3</sup> Lakoff (1971) distingue dois tipos de esquema para “mas” conforme apresentem: (a) oposição semântica e (b) “pressuposto” subentendido e quebra de expectativa. Aparentemente, a existência do esquema (a) limita a validade da definição de contraste que assumimos. Entretanto, os casos de (a) que verificamos na língua escrita parecem ser interpretáveis como uma variedade especial do tipo b), já que apresentam “pressupostos” e quebra de expectativa análogos. Infelizmente, não foi possível testar esta hipótese, pois exemplos de a) não ocorrem no *corpus* de fala informal.

**5.2.1 Níveis de contraste: marcadores: *agora / mas***

Os exemplos (7-11), abaixo, verificam o esquema de contraste em diferentes níveis estruturais: orações simples, orações complexas, constituintes da seqüência argumentativa, tópicos discursivos e turnos na interação.

• Contraste entre orações simples:

- (7) – O que faria, assim, você, bem feliz?  
 – O que faz a gente feliz é o momento, a situação. Quem não tá com saúde, quer ter saúde. Eu, por enquanto, estou com saúde, agora (*mas*), estou sem dinheiro. Então seria uma muito boa, um prêmio, aí da loteca, pra aliviar a situação.

A – *Eu* estou com saúde  
 Inferência de A:        *Eu não estou sem dinheiro*  
 B –                                *Eu* estou sem dinheiro

• Contraste entre orações complexas

Contraste entre constituintes da macro-estrutura do texto argumentativo. Como:  
 i – entre evidências empíricas (cf. (8a) e (8b)):

- (8) – O senhor já teve alguma vez no caso de ficar em dúvida, se ajuda ou não?  
 – É claro que [se for] uma hora da manhã, duas horas da manhã, eu passar na rua... um cara escuro, o cara se contorcendo, eu vou ter minhas dúvidas.  
 (8a) *Mas (agora)* assim durante o dia, em plena cidade, alguém passando mal, eu não tenho medo de pegar e levar.  
 (8b) *Agora (mas)*, duas, três horas da manhã, um cara passando mal, eu não vou parar, pode ser que seja uma coisa boa ou pode ser que não seja...

(8a)  
 A – Eu vou ter minhas dúvidas  
 Inferência de A:        *Eu tenho medo de pegar e levar*  
 B –                                *Eu não tenho medo de pegar e levar*

(8b)  
 A – Eu não tenho medo de pegar e levar  
 Inferência de A:        *Eu vou parar*  
 B –                                *Eu não vou parar*



ii – entre especificação e conclusão (9):

(9) É que eu tou aborrecida, tou achando muito gozado [ser pesquisada] Agora da metodologia da pesquisa... eu estou ensinando aluninho a fazer questionário também, já pré-determinado, ... não sei quê. *Agora (mas)*, eu contesto a validade desse negócio.

A – Eu estou ensinando a fazer questionários

Inferência de A: *Eu não contesto a validade desse negócio*

B – *Eu contesto a validade desse negócio.*

• Contraste em nível textual (metalingüístico)

i – no mesmo turno

(10) *Mas (agora)* voltando ao assunto [criação de rãs] a... a...o problema da paralisia infantil, eu não tenho... Ninguém sabe. ... Muitas pessoas fazem remédio de pele de rã, etc...

A – [criação de rãs](mantendo o tópico corrente)

Inferência de A: *[Não voltando ao assunto]*

B – Retomada de tópico encerrado: *Voltando ao assunto*

ii – em mudança de turno

(11) – Pra você, pra você, e...o plano bem pensado dá sempre certo?

– [ ... ]

– Hã...hã. *Agora (mas)* você já esteve em situação de um vizinho te ajudar?

A – *Plano bem pensado dá sempre certo (é o tópico corrente)*

Inferência de A: [estar em situação um vizinho de ajudar] (*não é o tópico corrente*)

B – *estar em situação de um vizinho ajudar (Mudança de tópico)*

Tudo indica que os níveis mais altos, onde há menor grau de coesão contrastiva (e onde a relação entre os termos é basicamente pragmático-discursiva) tendem a favorecer o *agora* em detrimento do *mas*, que seria usado preferentemente como conectivo inter-oracionais. Com efeito, resultados obtidos em inúmeras línguas fundamentam a hipótese de que a passagem dos itens lexicais autônomos a conectores tem início nos contextos de menor coesão (Crevels, 2000).

## 6. Análise dos dados

Como foi mencionado, a análise quantitativa percorre duas etapas: a análise da frequência de uso de *agora* e a variação entre *agora* e *mas*.

### 6.1 A frequência de *agora*-tempo: o contraste

*Agora* como dêitico temporal é um item lexical de grande mobilidade no interior da oração. Em (12) abaixo temos, assinaladas com (X), diversas posições possíveis:

(12) Agora (x) [não trabalho] em nada (x) porque (x)estou (x) desempregado (x).

Por outro lado, *agora* como marcador ocorre consistentemente em posição inicial. (como confirmam os exemplos de contraste citados)

No entanto, comparando a frequência de uso do *agora*-tempo nas duas posições, verificamos que em 65% (235/351) dos casos de *agora* também ocorrem no início da oração. Assim, fica evidente que o primeiro elo na evolução de *agora* item lexical a marcador posição – inicial – na estrutura da frase.

O elo semântico que possibilitou a gramaticalização de *agora* também foi identificado. Os resultados demonstram que o efeito da posição se exerce diferentemente entre contextos [+contrastivos] e [-contrastivos] (cf. Tab 3).

| AGORA       | Inicial |      | Não Inicial |     | Total |
|-------------|---------|------|-------------|-----|-------|
| + Contraste | 210     | 91 % | 18          | 09% | 228   |
| - Contraste | 25      | 20 % | 98          | 80% | 123   |
| Total       | 235     |      | 116         |     | 351   |

Tabela 3: Distribuição de *Agora*-tempo por Categoria Sintático-Semântica e Posição (em %)

A tabela (3) revela que as situações de contraste antes-*agora* correspondem a 65% dos usos de *agora*-tempo. Nestes casos, posição inicial é praticamente obrigatória (91%). Em dêiticos sem contraste, porém, a taxa de iniciais cai a (20%). Cada um dos diferentes tipos de contexto semântico não contrastivo apresentam, em maior ou menor grau, a mesma tendência a evitar a posição inicial.

### 6.2 O uso das variantes *mas* vs *agora*: a seqüência temporal

As questões propostas por este trabalho, envolvem a implementação e difusão de *agora* no sistema contrastivo em detrimento do conector prototípico *mas*.

Para identificar o elo entre o uso dêitico de *agora* e a sua implementação como marcador de contraste, pesquisamos a correlação entre o uso das variantes *agora* e *mas* e o contexto temporal. Nem a correspondência entre os tempos verbais das orações (*consecutio temporum*) nem tempos e modos de cada oração em separado mostraram resultados significativos. Entretanto, uma correlação temporal inesperada revelou-se relevante para a escolha entre os marcadores de contraste: a *seqüencialidade dos tempos* das duas orações membro. Foram definidas quatro:

i – posterioridade (passado-presente; passado-futuro; presente-futuro)

FREQÜÊNCIA, VARIAÇÃO E A EMERGÊNCIA DAS CONSTRUÇÕES CONTRASTIVAS DE *AGORA*

(13) ... Eu *avisei* (passado) dos alunos-, tem a tabuleta lá fora: “é proibido (fumar)”.

*Agora (mas)*, eu não *vejo* (presente), absolutamente, não *quero ver* quem tá fumando.

ii – anterioridade (presente-passado; futuro-passado; futuro-presente)

(14) *Estou* (presente) satisfeito comigo mesmo, *estou* (presente) pra dizer assim, um amigo de mim mesmo. *Agora (mas)*, eu *fui* (passado) ciumento numa determinada fase, quando *houve* oportunidade:

iii – simultaneidade

(15) ...*tenho* (presente) minha mulher, *tenho* (presente) meu filho, *agora (mas)*, *tenho* (presente) a minha casinha lá em Rio das Ostras, eu *gosto* dela, a Neusa não *gosta* muito ...

iv – outros

(16) Eles *deveriam ter incentivado* (passado) mais eu a ser independente, *agora (mas)*, quanto à questão de opinião, não, eles nunca assim – (zero)

Este grupo de fatores foi selecionado como significativo pelo programa GOLDVARB. Apresentando os resultados estatísticos seguintes (cf. Tab (4)):

| Variante           | AGORA      |             |               |
|--------------------|------------|-------------|---------------|
|                    | Freqüência | Porcentagem | Peso Relativo |
| Seqüência Temporal |            |             |               |
| Posterioridade     | 44/104     | 42          | .60           |
| Anterioridade      | 23/66      | 34          | .54           |
| Simultaneidade     | 118/382    | 30          | .47           |
| Outros             | 26/105     | 24          | .44           |

Tabela 4: Efeito da Seqüência Temporal no Uso de *Agora vs Mas*

Os números revelam que a posterioridade – a seqüência anterior-posterior – é o contexto que mais favorece o uso de *agora* como marcador (.60). As construções que apresentam a seqüência antes-depois, refletem iconicamente o avanço do discurso. Como as relações icônicas tendem a ser as mais básicas e menos coesas, confirma-se a tendência translingüística apontada acima: o antigo dêitico está entrando no sistema contrastivo a partir destas vinculações menos coesas. Dentro deste quadro, o alto índice de *agora* no contexto de oposição temporal anterior-posterior é crucial para explicar o processo de mudança da expressão de *tempo* à expressão de *contraste*.

Voltemos à freqüência de uso de *agora-tempo* (6.1). Vimos que o contexto mais freqüente é o *agora-tempo* em posição inicial principalmente onde há contraste antes-

-agora. Essa é a etapa (1), a fixação de um contexto formal e semântico como elo comum para a mudança de *agora*-dêitico para *agora*-marcador de contraste -:

A análise da variação *agora vs mas* descreve a etapa (2), a que estabelece o contexto propiciador da implementação do uso do marcador de contraste *agora*, em detrimento do *mas*. Não por acaso, trata-se de um contexto temporal, a mesma seqüência anterior-posterior. A oposição temporal entre a referência anterior e posterior configura-se, portanto, como o elo semântico comum entre *agora*-dêitico e *agora*-marcador de contraste. A trajetória de *agora* se dá em um *continuum*, como se sugere no quadro abaixo:

**Trajetória de Gramaticalização de *Agora*:  
de Dêitico Temporal a Marcador de Contraste**

|   |
|---|
| Dêitico temporal > Dêitico temporal inicial > Dêitico temporal inicial contrastivo ><br>Marcador (inicial) de contraste temporal > Marcador (inicial) de contraste. |
|---|

## 6. Comentários finais

Em síntese, a freqüência de uso dos dados sugere que o dêitico-temporal *agora* é mais comum nos contextos contrastivos, especialmente em seqüências temporais *antes-(agora) depois*. Inversamente, a análise da variação entre *agora*-marcador contrastivo e *mas*-marcador contrastivo aponta que *agora* tende a conectar orações (ou unidades mais altas) com a mesma seqüência temporal antes-depois.

Estes resultados revelam que a oposição temporal é o estágio intermediário no *continuum agora*-temporal – *agora*-discursivo, e que constitui a base da mudança para o contraste. Por outro lado, os resultados da análise variacional sugerem que a emergência de *agora*-marcador de contraste se dá principalmente em conexões que apresentam maior iconicidade entre seqüência temporal e discursiva.

As conexões contrastivas menos coesivas, marcadas por *agora*, tornam-se convencionalizadas e entram em competição com aquelas marcadas pelo conectivo prototípico *mas*, precisamente nos contextos em que as conexões semânticas e funcionais são mais frouxas. A partir deste ponto, a mudança se difunde para os contextos mais coesivos, infiltrando-se gradualmente no sistema de contraste do português.

## Referências

- Bybee, Joan & Paul J. Hopper (2001) Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In. Joan Bybee e Paul J. Hopper (orgs.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 1-24.
- Crevels, Mily (2000) Concessives on different semantic levels: A typological perspective. In. Elizabeth Couper-Kuhlen and Berns Kortmann (orgs.) *Cause, Condition*.

- Concession, Contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, pp. 311-340.
- Dancygier, Barbara & Eve Sweetser (2000) Construction with *if, since, and because. Causality, epistemic stance, and clause order*. In Elizabeth Couper-Kuhlen and Berns Kortmann (orgs.) *Cause, Condition, Concession, Contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, pp. 111-142.
- Dik, Simon C (1989) *The Theory of Functional Grammar I*. Dordrecht: Foris.
- Ernout, Thomas. & Antoine. Meillet (1967) *Dictionnaire etymologique de la langue latine: histoire de mots*. Paris: Klincksieck.
- Ford, Cecilia E. (2000) The treatment of contrasts in intection. In Elizabeth Couper-Kuhlen and Berns Kortmann (orgs.) *Cause, Condition, Concession, Contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, pp. 283-311.
- Givón, Talmy (1995) *Functionalism and Grammar: a prospectus*. Amsterdam: Benjamins.
- Gryner, Helena (2005) Frequency, variation and grammaticalization. In *New Reflections on Grammaticalization III (GrammaIII)*. Santiago de Compostela (mimeo)
- (1990) *A Variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais do português*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- (1998) Graus de vinculação nas orações condicionais. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* Campinas, 28 pp. 69-83.
- Heine, Bernd, Ulrike Claudi & Friederike Hünemeyer (1991) *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago, University of Chicago Press.
- Labov, William (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Lang, Ewald (2000) Adversative connectors on distinct levels of discourse. In Elizabeth Couper-Kuhlen and Berns Kortmann (orgs.) *Cause, Condition, Concession, Contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, pp. 235-256.
- Langacker, Ronald W (2002) *Concept, image, and symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter.
- Lakoff, R.(1971) If's, and's, and but's about conjunction. In C.J. Fillmore, D.T.
- Langendoen, D. (eds). *Studies in linguistic semantics*. New York. Holt, Rinehart and Winston.
- Mira Mateus, M. H. et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Neves, M. H. M (2000) *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP.
- Robinson, J. S., Lawrence, H. R., e Tagliamonte, S. A. (2001) Goldvarb 2001.
- Schiffrin, Deborah (1987) *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Silva-Corvalán, Carmen (1999). "*Ahora*" as a *Discourse Deitic*. Mimeo
- Traugott, Elizabeth (1989) On the raise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language* 65: pp. 31-55.